

**Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 25 de outubro de 2017**

Texto de referência: J. Carrón, No início não foi assim!,
publicado em *Passos Novembro 2017*, pp. 15-30.

- *Errore di prospettiva*
- *Come my Way, my Truth, my Life*

*Glória ao Pai
Veni Sancte Spiritus*

Carrón: Sejam todos bem vindos – os presentes e os conectados via internet –, a este primeiro encontro de trabalho sobre o texto do Dia de Início de Ano (*Jornada de Outubro*). Os cantos que acabamos de cantar nos introduzem nesse trabalho, porque somente se olhamos bem podemos ver a realidade como é, podemos reconhecer aquilo que existe, mas, como dissemos no Dia de Início de Ano, damos-nos conta de que olhar bem nem sempre é imediato e que precisamos de uma luz, por isso cantamos *Come my Way, my Truth, my Life*, “Vem meu Caminho, Verdade e Vida”, [porque] Tu és a vida que nos faz respirar” (atrib. G. Herbert-R.V. Williams). Sem respirar, de fato, não podemos olhar bem. Por isso, comecemos o nosso trabalho.

Colocação: *Gostaria de contar minha experiência à luz dos três primeiros pontos do Dia de Início de Ano. Por causa das circunstâncias que estou vivendo neste ano, percebo que a experiência do formalismo e do moralismo está muito presente em mim. Como é verdade a existência dos sintomas que você descreve! Nestes momentos de dificuldade concordo que esses sintomas são úteis para mendigar a presença de Jesus, a experiência do relacionamento com Ele, e dou-me conta de que no coração há uma postura, não desesperada mas bastante pacificada, de espera por uma resposta Sua às perguntas que nascem do reconhecimento desses sintomas. A questão importante, porém, é o retorno à origem, ao fato de poder ser feliz porque Ele responde e existe. É verdade que na origem reconheci o fascínio da pessoa de Jesus, mas é como quando nos apaixonamos: no início tudo vai de vento em popa, mas depois, com o passar dos anos, há o trabalho de dar-se as razões para permanecer no relacionamento afetivo. Preciso que o Acontecimento reaconteça, que Cristo esteja presente agora na minha vida, que não seja algo abstrato. Se Ele responde, deve ser evidente, reconhecível e não preciso fazer esforços particulares. Nesse sentido, não me ajuda o fato de alguém me dizer para ser mais moral, rezar mais, fazer mais Escola de Comunidade, ouvir testemunhos, etc. Posso ficar contente pela fé que os outros me testemunham, pela santidade deles, pelo Cristo continuamente citado como sentido da vida, pela felicidade do outro, pela letícia do outro ou pelas palavras da Escola de Comunidade que guardo na memória, porém, se tudo isso não acontece em mim, não adianta, não me ajuda. Essa é a concretude de Cristo que busco e que muitas pessoas buscam, porque dou-me conta de que o mundo busca um Cristo assim, quer dizer, concreto. E é o fator essencial para crer, para que a vida tenha um fundo de letícia, uma esperança. O apelo moral, os esforços pessoais e também o testemunho dos outros, os misticismos, as palavras boas não me são úteis, ao contrário, vejo que em última análise, me irritam porque me fazem sentir ainda mais inadequado.*

Carrón: Aquilo que você descreve é apenas uma *performance* mais adequada dos amigos que dão testemunho ou tem algo a ver com o Acontecimento que ocorre?

Colocação: *Tem algo a ver com o Acontecimento, porque o testemunho, assim, não me serve para nada.*

Carrón: Não diria que não serve para nada, depois veremos para o que serve. A primeira questão é se nós interceptamos se Ele acontece, não apenas a capacidade ou a *performance* maior de um ou de outro. O ponto é se certas coisas testemunham que Ele está acontecendo diante de você. Isso é muito importante. Deixemos a questão aberta e vejamos se no decorrer desta noite identificamos a resposta com mais clareza.

Colocação: *Agradeço-lhe muito pela palestra do Dia de Início de Ano, porque tem acompanhado os meus dias muito mais do que de costume – por que será? –. Tenho a impressão de que desta vez, para mim, a questão sobre a qual estamos trabalhando é algo que realmente tem a ver com a vida real, a vida cotidiana e as coisas de todos os dias. E há uma pergunta que você fez que volta sempre, até hoje: como foi no início? Depois do Dia de Início de Ano, nosso prior disse no grupo de Fraternidade: “Sinto uma grande dificuldade em recomeçar”, e enquanto ele dizia isso, eu tinha diante dos olhos o título do Dia de Início de Ano: “No início não foi assim!”. E, então, disse: “Mas no início não havia essa dificuldade”. Tenho pensado muito sobre como foi a minha primeira vez, nos pequenos detalhes, anos atrás, a primeiríssima vez, o primeiro impacto, porque foi realmente um impacto. Jesus impactou a minha vida, mudando-a. Se não tivesse acontecido, agora não estaria aqui falando na sua frente. Muitas vezes faço essa mesma pergunta aos meus amigos, porque essa pergunta volta continuamente e penso: na primeira vez aconteceu uma coisa ao mesmo tempo belíssima e estranha, no sentido de que reconhecia que estava acontecendo algo grande, clamoroso, através de coisas normais, até banais (e por isso tenho bem claras algumas imagens de anos atrás: os rostos, os olhos de uma pessoa, uma canção, uma noite com os amigos), mas havia também algo excepcional que não saberia chamar de outro modo a não ser pressentimento do verdadeiro. Se penso naquele momento, naquele preciso momento, dou-me conta de que tudo aconteceu de modo tão inesperado que me encontrou completamente despreparado. Realmente foi um imprevisto imprevisível, certamente aguardado, mas inesperado na forma. Em suma, não tinha defesas diante do que estava acontecendo e também não me interessava tê-las. Depois, com o tempo, você acha que cresceu e começa a raciocinar, a argumentar, pensa que já sabe, que entendeu como funciona o brinquedo, e começa a usar tudo de bom que aprendeu, talvez sem querer realmente, para se defender do imprevisto. Começa a pensar na primeira vez quase como duvidando e diz: “Nós éramos jovens, entusiasmados com tudo”, e julga o que aconteceu da primeira vez, agora que é adulto e “calejado” pela vida, sem lembrar do juízo dado, que era verdadeiro. Acredito que o juízo verdadeiro sobre as coisas seja o que foi dado naquele momento, não o elaborado com o passar do tempo. Se estiver errado, me corrija. E, assim, esperamos ou, pior, pretendemos que o Acontecimento ocorra, traindo e renegando a modalidade com que ocorreu. A nostalgia e discrepância maior que vejo em mim em relação à primeira vez e agora, é aquela postura terrivelmente indefesa, no sentido bom do termo. Chegou e me venceu, me conquistou imediatamente e estava contente com isso, no entanto, agora gasto o meu tempo inventando defesas para não me deixar mais tocar. Parece-me que há um ponto misterioso (eu o chamo assim) que nos permite abaixar todas as defesas, estar abertos a tudo, nos tornarmos simpáticos a todas as coisas, simpáticos ao imprevisto. Não me interessa voltar no tempo, me interessa viver agora como da primeira vez, viver toda a vida com o maravilhamento da primeira vez. Mas eu não sei identificar, não sei entender bem como nasce esse ponto misterioso. Não sei se há um método para que essa possa ser a postura de sempre. Gostaria de uma ajuda sobre isso.*

Carrón: Agradeço-lhe muito, porque você tocou no ponto crucial. Você identificou como era no início e como aconteceu, mas depois acrescentou que muitas vezes é como se tudo o que lhe aconteceu fosse utilizado para se defender do que acontece no presente. Isso é importantíssimo, mas frequentemente não nos damos conta de que acontece. Você reconheceu que no início estava sem defesas.

Colocação: *Era assim.*

Carrón: Era assim! Então, em que medida perder essa postura impede que o início reaconteça? Não “como” aconteceu da primeira vez, mas “aquilo” que aconteceu na época e acontece diante de você agora. Acho que isso é crucial para uma fé como a nossa, centrada num Acontecimento presente, que reacontece no presente. Mas como você diz – e descreveu de modo muito claro –, às vezes pensamos: “Já sei como funciona o brinquedo”, e transformamos o dar-se do Acontecimento em um mecanismo, porque nos falta aquela postura inicial de abertura. É exatamente essa postura que Jesus pede que tenhamos constantemente para que Ele possa ser reconhecido quando reacontece! Porque, não é que não reaconteça...

Colocação: *Nós não percebemos...*

Carrón: Porque a um certo ponto, ao invés de permanecermos abertos, mudamos a postura. Você usou uma expressão: um raciocinar. Eu diria assim: você tenta colocar vinho novo em odres velhos. Mas no início não foi assim! Não é que não continue a acontecer, mas você tenta reconduzi-lo a algo que já sabe. Isso não significa que você não deva raciocinar, o problema é que você usa mal a razão. Porque não é que no início você não fosse levado a usar toda a capacidade de abertura da razão diante daquilo que estava acontecendo, mas agora substituiu aquela abertura por uma maquinação sua: o raciocínio tomou o lugar do evento. Qual é, então, o ponto misterioso que permite abaixar, de novo, todas as defesas?

Colocação: *Oi.*

Carrón: É um belo desafio. Mas só para pessoas audazes como você!

Colocação: *Depois da Diaconia dos Universitários no início do mês, fiquei muito tocada com um fato: à parte todas as coisas que você disse, fiquei surpresa com o seu entusiasmo diante de nós, jovens.*

Carrón: Talvez meu entusiasmo fosse um pouco infantil...

Colocação: *Voltei para casa pensando: caramba! Carrón, que é o chefe do Movimento e que devia buscar em nós uma confirmação daquilo que ele diz, daquilo que prega, das coisas que decide e de tudo o que pensa, ao contrário, coloca-se diante de nós buscando a resposta junto conosco. E isso é muito diferente da minha postura diante dos meus amigos, dos meus colegas de universidade nestes meses, desde que me foi pedido para ser a responsável da comunidade, o que me faz estar diante de pessoas que me dizem: “Tenho esse problema com o Movimento, com a minha fé”, e muitas vezes me vejo numa atitude de defesa como se eu devesse levá-los a afirmar algo que eu penso, ou seja, a me dar razão. E isso é totalmente inútil, porque posso enganar a todos, mas não a mim mesma e ao meu coração.*

Carrón: Isso mesmo! É inútil. Não é pouco entender isso! Por isso eu não consigo.

Colocação: *Vi em você a postura aberta da criança, mas em mim vejo a postura fechada de adulto. Porém, tornar-se adultos, crescer, não pode ser uma condenação porque senão precisaria jogar fora tudo o que aconteceu até agora. No início não foi assim, mas voltar ao início quer dizer também eliminar...*

Carrón: O que lhe sugere aquilo que você descreveu até agora? É possível tornar-se adulto sem perder o ser criança?

Colocação: *“Bom, o que eu vi em você...”*

Carrón: “Bom, o que vi...”: exato! Ser adulto e ser criança não está em contradição. Você pode ver isso em alguns. E o Evangelho nos indica alguns exemplos. Nossa Senhora podia ser adulta e permanecer aberta; João e André eram adultos e permaneciam abertos; Pedro era adulto e permanecia aberto. A questão que você identificou é crucial, a meu ver. Por isso gostei muito do modo como descreveu o que verifica quando está com os outros: “Posso enganar a todos, mas não a mim mesma e ao meu coração”. Não ajuda você. Não significa que você não deva se preocupar com aqueles que estão sob sua responsabilidade, mas a questão é o que significa “preocupar-se”. Como nos preocupamos com os amigos? E como eu me preocupo com o Movimento? É somente reconhecendo um fato presente e convidando os outros a olharem para ele que você defende o

Movimento e exerce a sua responsabilidade (assim como eu exerço a minha). Porque não é você que pode corresponder à espera do coração dos seus amigos, assim como não sou eu que correspondo à espera de vocês. Eu pulo na cadeira quando vejo acontecer na minha frente certas coisas que reconheço serem para mim e para vocês. Isto, sim, responde, como foi no início. E por isso, quando temos tal postura, nos sentimos unidos, gera uma comunhão entre nós que não nasce da decisão de estar de acordo. Reconhecemos que estamos de acordo porque todos estamos maravilhados pela mesma Presença, a presença de Cristo aqui e agora. Quantas vezes, durante a Equipe do CLU neste verão, aconteceram momentos de um silêncio tal – percebe? Está concordando porque você ainda se lembra – que quase se podia tocar. Por quê? Não era por uma estratégia ou uma *performance*, mas porque escutávamos coisas, acontecia algo onde se impunha a Sua presença. Era isso que dava novamente a todos nós aquela postura de criança. E tampouco isso é fruto de uma *performance* nossa, tanto é verdade que estávamos outra vez diante de algo que acontecia e que nos dava novamente aquela postura original. A questão é se nós, quando acontece, vamos atrás, porque não é mecânico reconhecer. O que acontece é imponente, mas segui-lo não é mecânico.

Colocação: *Todas as manhãs ligo o computador e a tela é “ciellinamente” impecável: além da minha caixa postal, aparece automaticamente o site de CL (e também o do jornal “Sussidiario”). Leio tudo o que sai do Movimento. No início de outubro, li (meio às pressas) o artigo sobre a Assembleia dos Colegiais espanhóis em Madri, que falava da jovem independentista que disse: “Não sou definida apenas por isso”.*

Carrón: Vocês leram?

Colocação: *Narra o diálogo entre pessoas que pensam de modo diferente e a conclusão disso, quando todos cantaram juntos canções catalãs. Enquanto lia rapidamente percebi que a minha boca fazia: “Mmmm!”. Assim: “Mmmm!”. Este é um “sintoma”, digamos. E disse a mim mesmo: “O que isso quer dizer?”. Estava pensando, sem nem mesmo me dar conta: “São inteligentes, mas um pouco ingênuos, porque, caramba, os problemas são grandes!”. Porém, me detenho: ingênuos? O que quer dizer ingênuos? E de repente pensei na frase de Dom Giussani que foi citada no Dia de Início de Ano: “Ingenuamente, se quiserem”! Diz assim: “No início [...] não se construiu sobre os valores que Cristo tinha trazido, mas construiu-se sobre Cristo, ingenuamente, se quiserem” (pp VI-VII), etc. Então, pensei: “O que você está fazendo? Você para nessa ingenuidade aparente (aparente, mesmo) dos jovens, como se fosse um “a menos”, uma deficiência? Não percebeu que se trata do testemunho de uma tentativa de construir sobre Cristo?”. Depois, precisei sair, tinha minhas coisas para fazer. À noite, voltei a ler aquele panfleto espanhol porque no decorrer do dia dei-me conta de que o tinha lido distraidamente, como quando leio o jornal pela manhã molhando o pão no café, pensando que já ouvi aquelas notícias muitas vezes na vida. Releio. Desta vez, porém, pareceu-me estar lendo outra coisa, uma coisa nova, realmente nova! Bonita, convincente, até entusiasmante. Cada particular, cada observação ali formulada parecia narrar uma novidade, uma clareza fora do comum em relação às posturas de intransigência extremista de ambas as partes. Então, refleti e disse a mim mesmo: “O que eu esperava quando o li esta manhã?”. Ou não esperava absolutamente nada, ou, no fundo, buscava detectar rapidamente, antes de mais nada, não os traços do entusiasmo de uma Presença, mas uma “tradução cultural” (uso a expressão de Dom Giussani que foi usada em Assago) que fosse conveniente para mim, que me confirmasse que é correto ser de CL. Dei-me conta de que fazendo assim corria o risco de não perceber nem a carga de juízo verdadeiro e de autêntica cultura contidos naquele modo puro e criativo de se colocar daqueles jovens, porque é justamente no entusiasmo de uma Presença que cresce a inteligência da realidade, não de fora ou em paralelo. De fato, depois, disse a mim mesmo: “Há alguma outra coisa que seja historicamente (‘historicamente’ para nós, velhos que viveram em sessenta e oito, quer dizer incisivo, concreto, adequado à realidade que segue o seu curso) mais importante para um jovem espanhol de hoje (mas também para os adultos, para uma nação, para o seu destino) do que ser alcançado e tocado por uma posição como a deles, como a que se entrevê ali?”. Respondi: “Não, honestamente não”. E então, termino: ainda bem que o Mistério me*

colocou uma pulga atrás da orelha (porque foi isso o que aconteceu) através da repercussão daquele “ingenuamente” que me ouvi dizendo, tirando-me da distração.

Carrón: Afinal, o que você viu que tinha lhe escapado na primeira leitura? Muitas vezes, nós fazemos o que você disse, vamos em frente, sem perceber o alcance daquilo que está diante do nosso nariz, não reconhecemos porque pensamos que seja muito ingênuo. Mas quem, se tivesse ouvido falar do encontro de João e André, não teria dito a mesma coisa que foi dita em relação ao problema do Império romano na época? Quando Giussani nos fala de João e André, todos nós ficamos entusiasmados. Talvez ele também seja um pouco ingênuo... Talvez Cristo tenha sido um pouco ingênuo em usar esse método... Mas o que foi mais incidente historicamente do que aquele fato? No entanto, para nós, aquele panfleto quase não é um evento, quase não é um acontecimento. Acontece na nossa frente, mas estamos diante dele impassíveis, e então não percebemos toda a novidade que carrega e qual é a origem dessa novidade. Porque, para dar um juízo como o dos jovens espanhóis é preciso que o Verbo se tenha feito carne – assim como para João e André foi necessário que o Verbo se fizesse carne – e eles fizeram a experiência de correspondência de que fala o Evangelho. Por isso, como você dizia, o fato de seguirmos em frente, muitas vezes, nos impede de colher o juízo verdadeiro, que nós consideramos ingênuo, por isso pensamos que se deva chegar à “tradução cultural”. Não. Não! O juízo está dentro do acontecimento que está ocorrendo, como fizeram aqueles meninos. Depois, escreveram um panfleto, não sei se você o leu.

Colocação: *Sim.*

Carrón: Vou lê-lo, porque torna tudo isso ainda mais evidente: “É dia 2 de outubro de 2017. [Depois dos confrontos do dia anterior] Cidade de Plana de Vic [no interior da Catalunha]. Uma jovem de dezessete anos [nacionalista] se surpreende ao ver suas convicções abaladas: “Esta manhã lemos a comunicação oficial do colégio onde estudo, que exprime raiva e condenação pelos gestos cruéis de violência contra os cidadãos que foram votar. Fiquei muito irritada, porque a violência vinha de ambas as partes, embora a polícia tenha sido mais brutal. Fico louca com a generalização quando se fala da má conduta do Governo e da Guarda Civil e pelo fato de, no que diz respeito aos espanhóis, não se fazerem distinções. Ficamos mortificados pelo fato de nos definirem [nós, catalães] como terroristas, mas nós também estamos fazendo a mesma coisa. Nem as notícias de fonte espanhola, nem as catalãs buscam a verdade, mas apenas o próprio interesse. A independência que defendo não é esta”. A jovem, depois de ter lido a carta de um suposto policial que exorta a não realizar atos de violência no dia 1º de outubro, conclui dizendo: “Não sei se é verdade ou não, mas o que mais me dá vertigem é o final: ‘Nós [nessa questão política] apostamos TUDO!’ Estou diante de um homem que arrisca toda a sua vida nisto, um homem cuja felicidade depende de uma decisão política. Se a ideologia é tão poderosa a ponto de nos cegar e o testemunho da minha experiência (o encontro cristão) não é suficiente, como posso construir uma luz verde que seja suficientemente forte para arrancar a máscara da ideologia?”. Uma luz verde. Como a que aparece em *Os homens e o fogo*, um episódio da Série *Black Mirror*, onde o exército de uma cidade defende a população da invasão de seres antropomórficos chamados “baratas”, cravando-os de balas sem piedade. De repente, os olhos de um soldado são atingidos por uma luz verde que provém de uma das criaturas: no dia seguinte, ele não vê mais baratas, mas crianças assustadas, homens e mulheres que tentam se esconder. Fica paralisado, e não é mais capaz de matar. O véu da ideologia que os separava, caiu. Um amigo diz à jovem: “Você já é a luz verde. A sua experiência parece insuficiente em relação ao tamanho do problema, parece um grão de areia. Em Belém, há dois mil anos, nasceu um menino. Muito pouco para resolver os problemas do mundo? É o método de Deus: escolher o que é pequeno para fazer grandes coisas. Você só precisa ser fiel à experiência de correspondência que viveu, assim, poderá arrancar, pouco a pouco, as máscaras”. Essa jovem não quer colocar mais lenha na fogueira; deseja verificar como a experiência cristã é capaz de fazer cair o véu da ideologia. Em sua fragilidade, se pergunta como isso pode acontecer nela, como poderá se tornar, ela própria, a luz verde. Ela quer viver e transmitir a mudança que aconteceu em si através do encontro com Cristo, um encontro que dá unidade à sua vida e lhe permite olhar para o outro como sendo um bem, e não como um estranho. Todos nós precisamos de uma luz verde que derrube as ideologias e nos permita reencontrarmo-nos”. O que esse fato nos mostra? Para uma pessoa que recebeu durante décadas

um certo tipo de ideologia, uma coisa aparentemente banal como o encontro cristão faz cair o véu da ideologia. É um acontecimento ou uma ilusão? É algo que, seja grande ou pequeno (como João e André), documenta que o Acontecimento continua acontecendo, mesmo se nós não o vemos? Sim ou sim? E, assim como esse panfleto, há muitas outras coisas que nos escapam porque olhamos distraidamente. E, então, inevitavelmente substituímos o fato por todo o *turbilhão* que vem depois, porque como não nos maravilhamos mais diante daquilo que acontece, entram as regras, a ética e tudo o que pudermos imaginar. Mas para aquela menina – assim como para nós – a única ética para não cair na ideologia é permanecer “fiel à experiência de correspondência” que viveu. Que uma jovem possa reconhecer que esperar tudo de uma decisão política não pode ser correspondente ao coração, parece pouco, mas é tudo. Isto, sim, é tudo. E pôde reconhecer isso apenas pelo fato de pertencer à experiência cristã, não porque tenha feito um curso em Harvard sobre ideologia, porque nem mesmo isso teria podido lhe dar aquela ingênua audácia que faz cair o véu da ideologia. Mas isso nos parece muito pouco diante dos desafios da realidade, não é verdade?

Colocação: *Pouquíssimo.*

Carrón: “Pouquíssimo”, não “pouco”.

Colocação: *Por que quando se participa de um encontro como o Dia de Início de Ano parece tudo fácil? Por que quando vamos à Escola de Comunidade tudo parece tão simples, linear, tão linear que todos estão prontos a sugerir a solução e mesmo quem não a tem, se esforça para encontrá-la? Toda essa teoria, essas palavras, as histórias dos outros não sustentam o impacto com o dia seguinte, quando eu estou envolvido. Parece-me que o que me ajuda mais seja estarmos juntos, não aquilo que dizemos. Como nos ajudarmos quando estamos juntos? Como nos ajudarmos a caminhar?*

Carrón: O que nos ajuda é apenas estarmos juntos ou o fato que aconteceu? Quando fui a Madri para o Dia de Início de Ano encontrei aquela jovem catalã, e a sua pergunta era exatamente como a sua: “O que eu vivi neste final de semana se sustentará quando eu voltar para casa esta noite ou quando for à escola amanhã?”. Em sua escola há pouquíssimos que pensam como ela, a maioria tem posição oposta; o que nos sustenta diante dessa situação? A experiência que ela viveu e que precisará reconhecer constantemente, verificando se a sustenta na situação concreta em que se encontra. Se, ao contrário, o critério para resistir é “a união faz a força”, o jogo está perdido, porque os outros são em muito maior número do que nós. Porém é ali, diante desses desafios, que podemos verificar se o que vimos se sustenta nas circunstâncias. Por isso, não somos poupados das circunstâncias, porque se não vemos a fé vencer – ou seja, se manter – nas circunstâncias, ficamos com a dúvida. E essa dúvida é como um caruncho que nos corrói por dentro. Por isso, o fato de termos que enfrentar determinadas circunstâncias é decisivo para a certeza da nossa fé.

Colocação: *Como muitos de nós, no dia primeiro de setembro mudei de emprego e agora dou aulas em uma escola pública de Ensino Médio. Das minhas duas classes, uma é bem pesada, a maior parte dos alunos desconfia dos adultos e acham que o professor é um inimigo. Eu sabia que seria assim, estava preparada para isso, sabia que escola estava escolhendo, sabia que queria dar aulas em uma escola pública porque a minha história pessoal me levava nessa direção.*

Carrón: Por quê? Conte um pouco da sua “história pessoal” para podermos entender.

Colocação: *Cresci em uma família de esquerda, metade ateia e metade se dizia católica, e meus pais sempre tiveram o cuidado de me matricular em escolas públicas porque “são mais livres”, no sentido de que ali cada um faz o que quer, ouve todos os professores e depois toma as suas decisões, decide quem quer seguir. Mas a partir do primeiro ano do segundo grau (no primeiro, segundo e terceiro) tive uma professora que tornou-se, aos poucos, a pessoa de quem eu mais gostava. Somente depois descobri que era de CL. Esta, para mim, era uma contradição terrível, e eu me perguntava: “Como? Uma pessoa tão inteligente é de CL?! Não é possível!”. Todavia, isto, ao invés de me afastar dela, aumentou a minha curiosidade.*

Carrón: Não porque havia muitas pessoas de CL naquela escola, mas porque conheceu uma.

Colocação: *O que me enlouqueceu mais foi que ela apenas dava aulas, não havia um grupo de Colegiais na minha escola, não havia nada dessas coisas. Nunca me disse nada, não foi ela que me contou que era de CL – apenas me dava aula. Isso, porém, foi suficiente e necessário para mudar completamente a minha vida, que adquiriu um sentido que se revelou em todo esse tempo, porque terminei o Segundo Grau em 2006, e estamos em 2017. Este foi o meu ponto de partida. Queria dar aula em uma escola pública por gratidão, porque se ela não estivesse em uma escola pública, mesmo sem nenhum projeto, eu não estaria aqui. E quem sabe o que teria acontecido comigo, não consigo nem imaginar. Portanto, essas foram as razões, essa foi a causa que me levou ali. Sabia que não seria uma escola muito fácil, mas também tinha certeza de que conseguiria trabalhar. Só que a teoria é diferente da prática e, de fato, o impacto com uma das classes foi muito duro. Via que o jogo dos meus alunos era (e ainda é) ver até onde iria a minha paciência e isso é exaustivo porque tenho muita paciência, só que só isso não é suficiente. Depois de duas semanas chegando em casa muitas vezes sem conseguir segurar as lágrimas, percebi que a minha preocupação principal estava se tornando a de administrar as horas – que são muitas, são dez naquela turma – e pronto. Alguns dias antes do Dia de Início de Ano, pensei: “O que estou fazendo ali? Tudo bem, sei por que queria estar lá, mas, agora que consegui, me parece um desastre”. Ir ao Dia de Início de Ano com essa pergunta me ajudou muito porque, assim, não passou inutilmente e me ofereceu pistas de como trabalhar. Em particular, uma coisa ficou marcada – algo que já tinha ouvido, mas desta vez foi diferente –, quando você citou o exemplo do presidiário que, ao ser revistado de maneira grosseira pelos seus carcereiros, não se irrita com eles e pensa: “Eles não podem fazer de modo diferente porque não viram aquilo que eu vi”. Naquele momento acendeu-se uma luz e eu disse: “É a mesma coisa comigo e meus alunos, eles não podem fazer de modo diferente”. Meus colegas me contaram as histórias pessoais de muitos deles, que são realmente difíceis. Eu já sabia disso, mas nunca tinha feito essa ligação. Não só isso, também pensava: “Eu posso olhar para eles assim, e o olhar com o qual afirmo ‘você me insulta mas estou aqui por você, porque infelizmente o que aconteceu comigo não aconteceu com você’ é o mesmo olhar de Jesus no embate com aqueles que o insultavam enquanto o crucificavam, que não entenderam naquele momento, quem sabe se entenderam... Um deles, dizem que entendeu, porém somente depois”. Isso fez as minhas pernas tremerem um pouco, mas quando voltei para a escola estava menos tensa e me irritava menos. Agora as coisas melhoraram um pouco. Voltando para a escola, pensei: “Pode ser que eu nunca veja os frutos desse olhar, porque ninguém me garante que os verei”. Mas, na verdade, algo já está acontecendo, naturalmente, talvez porque esteja mais livre para reagir. Todos os dias, por pequeníssimos detalhes, alguns alunos percebem as coisas que eu faço. Eles estão começando a se impressionar com algumas coisas. O primeiro episódio que me marcou – e é o único que conto – foi o de um dia em que milagrosamente estavam trabalhando e não precisavam de mim, portanto aproveitei para corrigir algumas provas. Num determinado momento, naquele silêncio, me escapou um: “Ah, não!”. Uma aluna me perguntou: “O que houve, professora?”, e eu respondi: “Este aluno deixou uma página inteira em branco. Ele não virou a última folha e não viu. E agora?”. “Tudo bem, você não ficou contente? Assim tem menos coisas para corrigir”. “Olha, eu não faria esse trabalho se esta fosse a minha preocupação. Não me interessa corrigir as provas rapidamente, eu gostaria que vocês se saíssem bem”. Ela não esperava essa resposta. E isso só confirma que é verdade que eles não têm culpa, fui eu que recebi uma graça a mais. Portanto, o que devo fazer não é me esforçar para ter paciência, mas viver diante deles como a minha professora viveu diante de mim. O projeto não é meu.*

Carrón: Você dizia: “Eles estão começando a se impressionar com algumas coisas”. Por que se impressionam? Por causa da diversidade que você torna presente, assim como a sua professora tornou presente para você. Parece nada em relação a toda a dimensão do problema educativo. Pensemos em São Paulo: ele é preso, torna-se amigo de um detento e, a partir disso, começa a mudar toda a sua posição teórica sobre a escravidão. Parece nada. Uma de vocês me pergunta: “Como se faz para manter o acontecimento vivo todos os dias de modo que não seja apenas um pensar na primeira vez? Por que, quando pensamos no acontecimento, parece que tateamos na neblina, como se não correspondesse a uma experiência concreta? Temos dificuldade em estar

diante do conteúdo daquela que deveria ser a nossa primeira preocupação, e rapidamente sofremos as consequências”, por isso não vemos o que está acontecendo. E como não vemos, tateamos na neblina. Pode ser um sinal pequeno, mas a sua aluna da classe mais complicada, percebeu isso. Para ela não há neblina, intercepta o acontecimento, a diversidade que a professora dela leva para a classe, a ponto de se impressionar. Por isso, a questão é se nós temos simplicidade para reconhecer isso.

Colocação: *Escrevi para você um pouco levada por um ímpeto depois do Dia de Início de Ano para agradecer a você e ao Davide pelo que aconteceu naquele dia. Fiquei maravilhada, em primeiro lugar, por entrar no Fórum, porque fazia anos que não conseguia ir e foi realmente uma emoção. Depois, fiquei tocada por me sentir tão descrita por suas palavras. Há algum tempo sentia o coração pesado, vivia só me lamentando. O trabalho, o marido, até os amigos se tornavam um pretexto para desafogar a minha insatisfação, queria encontrar um bode expiatório para o fato de não estar satisfeita. Porém, no Dia de Início de Ano senti-me comovida como no início, voltei a respirar, feliz com o que tinha me acontecido ali. E não é que as circunstâncias mudaram, mas realmente vivi novamente o abraço de Cristo. Revi todo o fascínio da Sua presença e voltei a desejar ver o Seu rosto nas pregas do meu dia. E agora, todos os fatos que compõem a minha vida (o trabalho, o marido, os filhos) voltaram a ser sinal dessa amizade que Ele estreitou comigo. A gratidão é pela experiência que vivi e pela graça de estar em uma companhia que continuamente vence a minha distração e o meu esquecimento. Sobre a carta escrevi num ímpeto logo após o Dia de Início de Ano, quando você me ligou perguntando se eu poderia falar esta noite, perguntei-me: “O que me aconteceu entre o Dia de Início de Ano e agora?”.*

Carrón: Sustenta?

Colocação: *Sustenta? O que sustenta não é a minha coerência, mas Ele, que continuamente reacontece na minha vida.*

Carrón: E quem deveria sustentar, a sua coerência ou Ele?

Colocação: *Ele, que continuamente reacontece.*

Carrón: E qual o sinal de que acontece? Você disse.

Colocação: *Porque o coração está contente.*

Carrón: “O coração está contente”. É a mesma correspondência do início. Diferente do início na forma, mas a mesma correspondência: faz respirar. E não porque as circunstâncias mudaram, mas porque você viveu novamente o abraço de Cristo. Por isso, às vezes me pergunto: “Estávamos todos no mesmo lugar?”. Porque alguns ficam exaltados e outros dormem ou se enfadam. O fato de que apenas um tenha visto isso, já que é impossível que o invente, documenta como o reconhecimento passa através da nossa liberdade, porque é tudo menos mecânico. Por isso, se estávamos no mesmo lugar, mas a disposição do coração não era a mesma, precisamos muito pedir a pobreza do Inominado à qual o Papa nos chamou, que é a mesma pobreza à qual Jesus nos chama: se queremos entrar no reino de Deus é preciso ser pobres para poder interceptá-Lo. Por isso, continuemos o trabalho com esse desejo: não tanto de ver como somos capazes (já conhecemos a nossa capacidade de *performance*), mas de ver quando O interceptamos. Porque quem quer verificar a sua *performance*, no fim, se irrita e se lamenta; enquanto quem O intercepta, respira e fica contente. Estou curioso para saber o que veremos. Giussani já tinha nos lembrado: que graça estar em um povo que desafia a minha distração, que me torna capaz de ver aquilo que existe, não aquilo que não existe! Por isso, ver e contar, compartilhar o que vemos, é o primeiro gesto de amizade.

AVISOS

A próxima Escola de Comunidade acontecerá quarta-feira, 22 de novembro, às 21h00. Preparemos retomando a segunda parte desta Página Um, *No início não foi assim!*, do ponto 4 (“Cristianismo como ideologia e cristianismo como tradição”) ao ponto 6 (“A contemporaneidade de Cristo, origem permanente das dimensões da experiência cristã”), da pág. 23 à pág. 30 (IX-XVI).

O livro do mês [na Itália] para novembro e dezembro é: *Dov'è Dio? La fede cristiana al tempo della grande incertezza* (Edição PIEMME), minha conversa com Andrea Tornielli.

Dia Mundial dos Pobres

Domingo, 19 de novembro, acontecerá o I Dia Mundial dos Pobres, lançado pelo Papa Francisco segundo a intenção expressa na mensagem escrita para a ocasião, onde o Papa escreve, entre outras coisas: “Ao fim do Jubileu da Misericórdia quis oferecer à Igreja o *Dia Mundial dos Pobres*, para que em todo o mundo as comunidades cristãs se tornem cada vez mais, e melhor, sinal da caridade de Cristo pelos homens e os mais necessitados” (6). Fiquem atentos à ligação que o Papa faz: como resultado do Jubileu da Misericórdia nasceu nele o desejo de exprimir, com um gesto, a caridade de Cristo. Como vocês veem, este Dia não é um gesto separado do Jubileu, mas nasce do mesmo ímpeto, como dissemos no Dia de Início de Ano. Por isso, o convite do Papa é uma ajuda para vivermos também os gestos de caridade que faremos nas próximas semanas: a Coleta de Alimentos do dia 25 de novembro e as iniciativas da campanha Tendas AVSI no período natalino. Coleta e Tendas são uma modalidade concreta para aderir à solicitação do Papa em relação aos pobres, vivendo estes dois gestos com a consciência daquilo que Dom Giussani nos convidou a experimentar desde o início com a Caritativa, na Bassa: sua proposta, de fato, já carregava a mesma preocupação que o Papa nos pede para ter agora. É impressionante! Por isso, nós podemos entender mais facilmente o que o Papa diz justamente dentro da nossa experiência, graças à proposta que recebemos de Dom Giussani.

Veni Sancte Spiritus

Boa noite a todos!